COLEÇÃO
COMUNICAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

PROCESSOS EDUCATIVOS

Construções da família à escola

JOELMA FERNANDES DE OLIVEIRA

EDITORA UFRR

PROCESSOS EDUCATIVOS

Construções da família à escola

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR

Reitor:
Jefferson Fernandes do Nascimento

Vice-Reitor:
Américo Alves de Lyra Júnior

Pró-Reitora de Ensino e Graduação:
Lucianne Braga Oliveira Vilarinho

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR:
Cezário Paulino Bezerra de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alexander Sibajev
Edlauva Oliveira dos Santos
Cássio Sanguini Sérgio
Guido Nunes Lopes
Gustavo Vargas Cohen
Lourival Novais Neto
Luís Felipe Paes de Almeida
Marisa Barbosa Araújo Luna
Rileuda de Sena Rebouças
Silvana Túlio Fortes
Teresa Cristina Evangelista dos Anjos
Wagner da Silva Dias

Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana – Av . Cap . Ene Garcez, 2413, Aeroporto - CEP .: 69.304-000. Boa Vista - RR - Brasil
Fone:+55.95.3621-3111 e-mail: editoraufrr@gmail.com

A Editora da UFRR é filiada à:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR



Volume 32

PROCESSOS EDUCATIVOS
Construções da família à escola

JOELMA FERNANDES DE OLIVEIRA

BOA VISTA/RR
2018

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão:
Elói Martins Senhoras

Capa:
Berto Batalha Machado Carvalho
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação:
Berto Batalha Machado Carvalho
Elói Martins Senhoras

Organizadores da Coleção
Elói Martins Senhoras
Maurício Zouein

Conselho Editorial
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Maurício Elias Zouein
Sandra Gomes
Sônia Costa Padilha

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

O 48p OLIVEIRA, Joelma Fernandes.

Processos educativos: construções da família à escola. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018, 92p.

Coleção: Comunicação e Políticas Públicas, v. 32. Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein (organizadores).

ISBN: 978-85-8288-174-3

1 - Educação. 2 - Processo educativo. 3 - Docência. 4 - Ensino aprendizagem.
I - Título. II - Oliveira, Joelma Fernandes. III - Série

CDU – 371.3

FICHA CATALOGRÁFICA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRR

A exatidão das informações, conceitos e opiniões são de exclusiva responsabilidade do autor.

EDITORIAL

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), criou a "Coleção Comunicação & Políticas Públicas" com o objetivo de divulgar livros de caráter didático produzidos por pesquisadores da comunidade científica que tenham contribuições nas amplas áreas da comunicação social e das políticas públicas.

O selo "Coleção Comunicação & Políticas Públicas" é voltado para o fomento da produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância científica e didática para atender aos interesses de ensino, pesquisa e extensão da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo.

As publicações incluídas na coleção têm o intuito de trazerem contribuições para o avanço da reflexão e da *praxis*, seja na comunicação social, seja nas políticas públicas, e para a consolidação de uma comunidade científica comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates nestas áreas.

Concebida para oferecer um material sem custos aos universitários e ao público interessado, a coleção é editada nos formatos impresso e de livros eletrônicos a fim de propiciar a democratização do conhecimento sobre as relações internacionais *lato sensu* por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein
(Organizadores da Coleção Comunicação & Políticas Públicas)

PREFÁCIO

Caro Leitor!

Nas páginas deste livro, encontrarás uma mulher multifacetada: a mistura de uma professora, uma profissional competente, uma mãe dedicada e um eu-lírico muito reflexivo. Joelma se deixa ver em seus escritos. A partir de uma fala clara e direta, convida-nos a pensar temas urgentes, faz-nos perceber que a simplicidade do dia a dia pode suscitar – naqueles que estão dispostos – ponderações importantes, tanto para uma autoavaliação quanto para um movimento de alteridade, isto é, um olhar atento para o outro a fim de entendê-lo e de entender a nós mesmos.

As linhas escritas por Joelma Fernandes desnudam a realidade escolar brasileira, pois, a partir de seu fazer docente, viajamos de uma narrativa situada em seu contexto para a projeção do que pode ser a história de muitos companheiros de ofício. Dói saber que o profissional da educação é tão desvalorizado. Dói saber que ainda existem muitas lutas por vencer na educação. Em outro extremo, alegra saber que há quem educa, ensina, instrui. Está, nessa outra ponta, a alegria de saber que há quem queira formar-se, especializar-se e percorrer com louvor o caminho que escolhera: ser professor é profissão, preparo, estudo, dedicação; um (re)construir-se, um atualizar-se.

No tecer das páginas, a autora vai alertando para o vínculo entre escola e família. Com revelações suas, de seu passado, desnuda sentimentos para fazer ver e ouvir, com a finalidade de propor que olhemos a cultura que nos cerca e questionemos! As relações não devem seguir curso sem que se tenha espaço para entendê-las.

No combate a qualquer tipo de preconceito, Joelma sublinha o papel da escola, pontuando que cabe a ela (na essência de sua estrutura: gestores, professores) promover uma educação para a vida, capaz de instruir, instrumentalizar, mas também reverberar exemplos e valores.

Joelma nos conduz à hipótese de um ensino significativo, humano, afetuoso, que vê diante de si não um aluno genérico, mas um ser social, com um nome, uma história, uma família.

Um lugar de interação. Uma proposta de diálogo. Certamente, este livro pode ser proveitoso para pesquisadores, profissionais da educação, pais e quem mais estiver entusiasmado com a ideia de uma perspectiva dialógica e dialética para entender as diferentes colorações do ensino, em seus mais variados contextos.

Uma boa leitura!

Profa. Tamiris Machado Gonçalves

É experiência aquilo que "nos passa", ou que nos toca, Ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Jorge Larrosa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 15

CAPÍTULO 1 | 22
Relações Familiares e Sucesso Escolar

CAPÍTULO 2 | 41
Docência e Profissionalidade

CAPÍTULO 3 | 59
Processos Educativos na Escola

INDICAÇÕES CONCLUSIVAS | 77
Sugestões de filmes e livros

SOBRE A AUTORA | 85

À minha família, pelo amor e encorajamento de sempre, em especial aos meus irmãos, Kaline, Gabriel e Larissa, pois a nossa relação me constitui e me torna um ser humano feliz, capaz de superar as adversidades que surgem diariamente.

Joelma Fernandes de Oliveira

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Este é um livro que está dividido em três capítulos: *Relações familiares e Sucesso Escolar*; *Docência e Profissionalidade;* e *Processos Educativos na Escola*. Embora eu apresente um grupo de textos que foram escritos em diferentes momentos da minha vida profissional, é importante destacar que eles têm uma certa conexão, o que justifica o objetivo para estarem apresentados como estão. Não quero com isso dizer que estejam em ordem de importância ou de valor para a composição deste material, mas sim que todos possuem uma intencionalidade e uma relação de conexão de ideias e pensamentos.

O primeiro capítulo, *Relações familiares e Sucesso Escolar,* é constituído por um grupo de 8 textos escritos entre os anos de 2011 e 2017, estando eles na seguinte ordem e títulos: *1- Lacunas da Infância; 2- Criança aprende com adultos; 3- Afetividade na Escola 4- Pai Presente; 5- Filhos sem sobrenome; 6- Mãe, Melhor presente; 7-Força Suprema; 8- Desafio de ser mulher no século XXI.*

Nessa primeira seção, apresento reflexões sobre o quão é importante a família para o sucesso escolar na infância. Não defendo um modelo de família, mas exploro a importância das pessoas orientarem e agirem de forma afetuosa. Explano ainda sobre o conceito de afetividade. Destaco a importância das figuras paternas e maternas para o sucesso ou fracasso dos indivíduos. Conto sobre a minha experiência de não ter tido a presença paterna efetivamente na minha vida familiar e escolar.

O segundo capítulo do livro, intitulado *Docência e Profissionalidade*, é um grupo de 8 textos produzidos e publicados entre os anos de 2012 e 2017, sendo eles intitulados: 1-*Profissão Professor; 2- Professor ou Educador; 2- Professor sem Valor; 4- Além do ofício; 5- Ser Pedagogo; 6-Formação Continuada de professores; 7- Empatia, Inclusão e Docência em regiões de fronteira;8- Por que nós professoras?*

Essa segunda seção apresenta reflexões sobre o papel do professor na contemporaneidade, explanando sobre algumas questões

intrigantes relacionadas como a própria formação continuada do professor, que é um direito garantido pela legislação, um anseio da classe, mas, sobretudo, um fato que nem sempre se efetiva na prática. Além disso, ofereço a oportunidade de se pensar como a sociedade enxerga o docente diante das tantas mudanças nas quais estamos submetidos diariamente em todos os espaços em que estamos inseridos.

Esse capítulo traz ainda uma crítica sobre como o professor pedagogo tem sido recebido nos espaços escolares. Mostro como esta é uma profissão ladeada de estereótipos e desvalorização pelos que desconhecem o valor desse profissional para o desenvolvimento dos indivíduos e de toda sociedade. Falo de um modo geral como o professor muitas vezes se sente desvalorizado diante das diferentes e amplas demandas que exerce em sua prática pedagógica, assim como explico o quão é importante a atuação desse profissional, dizendo que, sem suas ações, pouco a sociedade se desenvolverá.

Por fim, o terceiro e último capítulo, intitulado *Processos Educativos na Escola*, é constituído por um grupo de 8 textos escritos entre os anos de 2012 e 2014, estando eles na seguinte ordem e sob os títulos: *1- Primeiro dia de aula; 2-Sucesso escolar; 3-Violência nas escolas: 4-Bullying e Racismo na escola; 5-Brinquedos e Brincadeiras; 6-Tecnologia na infância; 7-Autonomia da Criança;8- Pais na vida e na escola*.

Essa é uma seção em que reúno discussões a partir de leituras realizadas sobre temáticas que envolvem a escola como um espaço de aprendizado e de desenvolvimento integral da criança. São textos emocionados porque tratam de questões de dores que vivem, nascem e às vezes são até bem resolvidas nas escolas. Além disso, nesses textos há muito de mim enquanto mãe, filha e irmã, que aprendi e aprendo diariamente sobre a árdua atividade que é ensinar alguém a querer e agir de forma que consiga o melhor para sua vida – e não se encaminhe por estradas de dores e perdas.

Aqui apresento relatos de mim enquanto professora, psicopedagoga, mas, principalmente, o meu EU de mãe, que assim como muitos indivíduos erra na formação de seus filhos, mas sempre no intuito

de fazer o melhor por eles e, acima de tudo, vê-los plenos e felizes. Explano de maneira direta as angústias do primeiro dia de aula de algumas crianças, a angústia de diferentes lados, da criança que está iniciando um ciclo completamente diferente do que já viveu, a dos pais que por vezes são inseguros nesse processo e do professor que, embora tenham formação e capacidade técnica para viver essa situação, também passam por aflições, afinal, ensinar exige muito mais que conhecimento técnico.

Além disso, também discuto sobre a importância do brinquedo na vida da criança e como esse e outras atividades da instituição escolar podem favorecer o desenvolvimento dos pequenos. Falo também de temas que ainda são muito pertinentes nas escolas, a saber, o *bullying* e o racismo. Abordo o fato de eles serem em certos lugares naturalizados. Discorro ainda sobre os malefícios desses para saúde e para o desenvolvimento educativo da criança.

A terceira seção é forte, reflexiva e talvez até meio "alfinetadora" para pais e professores. Coloco minhas perspectivas de como a escola deveria ser organizada, planejada. Como deveria ser cuidada e como seria bom que ela recebesse investimentos físico e humano. Lembro da demanda por material técnico para que seja possível realizar um trabalho coerente, além ou de acordo com o que está explícito em seus Projetos Políticos Pedagógicos. Mostro o quanto o profissional docente é importante em todos os processos educativos que existem na escola, portanto *Docência e Profissionalidade e Processos educativos na Escola* nunca estarão dissociados, mas sim intimamente relacionados.

Este livro trata-se de uma obra resultante de reflexões sobre temas que envolvem os processos de aprendizagem e de desenvolvimentos dos indivíduos, é um trabalho que mostra um pouco dos meus anos de envolvimento com docência, com pesquisa e inclusive com experiências pessoais com minha família e amigos. Os textos já foram publicados em outros momentos em colunas de jornal impresso e na *Revista Somos Amazônia*.

A perspectiva de elaborar este livro se deu pelas indicações de alguns amigos e ex-professores, ao suscitarem que apresenta uma linguagem simples e que em alguma medida pode contribuir para estimular o desenvolvimento de ideias e reflexões sobre atitudes com filhos. Pode ser que seja oportuno também para professores que estejam iniciando na caminhada de fazer docência.

Não é um livro com linguagem complexa ou com citações de diversos autores. É uma leitura que convida a pensar em situações do cotidiano, principalmente aquelas relacionadas às questões de ensino, aprendizado, formas de ensinar e aprender de diferentes modos, sobretudo ao que se refere ao convívio e às possibilidades de relações fortalecidas com filhos e ou alunos.

Por se tratar a maioria dos textos de fatos do meu cotidiano, sejam pessoais ou profissionais, não apresento este trabalho como um álbum de receitas, mas sim como explanações sobre questões que muitos pais e educadores lidam cotidianamente. É meu ponto de vista. Meu olhar sobre os contextos em que estou inserida. O leitor pode discordar ou concordar, o importante é que seja promovida alguma reflexão, que destas páginas possa sair algum diálogo.

Esta obra traz à tona que pensar questões sobre a educação, seja ela formal ou informal, representa uma ação cada vez mais pertinente na sociedade contemporânea, afinal é a partir dessa e de como ela é conduzida que se pensa a sociedade que estará sendo construída. E, nesse sentido, é que foram organizadas as reflexões que compõem esta obra, fruto de diversos exercícios de pensamento.

Espero com esta escrita oferecer estímulos a pais e professores, a pessoas que queiram se interessar e contribuir fortemente com a formação de pessoas, formação cognitiva, emocional e social, formação para a vida.

Assim, concluo esta obra mostrando que *Relações Familiares e Sucesso Escolar; Docência e Profissionalidade;* e *Processos Educativos na Escola* não são temáticas novas, porém são atuais e necessitam sempre de novos olhares e novas discussões, que colaborem com o

processo de orientação e intervenção de pais e professores. Tudo com o intuito de que se interessem em formar filhos e alunos mais felizes.

Faço um convite à leitura, pois um livro é sempre um presente para quem escreve e para quem lê, e ler um livro com palavras escritas por alguém que já passou pela experiência de 16 anos de prática docente é uma oportunidade de observar que muitos anseios que você vive na atualidade não são uma fragilidade especificamente sua, mas uma realidade da vida pessoal e profissional de muitos docentes, independentemente da região geográfica em que se está inserido. Por isso, convido a quem se dispuser a pensar a Docência e os Processos Educativos sob uma ótica cotidiana, simples, mas não de forma reducionista.

CAPÍTULO 1

Relações Familiares e Sucesso Escolar

LACUNAS DA INFÂNCIA

A infância pode ser conceituada como o período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento à puberdade. É uma fase que marca os indivíduos de maneira muito significativa, por isso tudo que se vive nesse período pode influenciar na vida adulta.

Existem adultos que têm atitudes, medos, angústias, que os levam à procura de explicações. Alguns esclarecimentos podem surgir através de recordações da infância. Isso porque podemos dizer, ainda que com alguns receios, que muitas vezes o que nos persegue na vida adulta pode ser caracterizado como lacunas que ficaram da infância.

A infância é um período tão importante da vida que, caso os indivíduos sejam postos em situações não adequadas para vivenciar tal etapa, podem se desenvolver muitas doenças que dificultem posteriormente uma vida "normal". Como exemplos, podemos listar doenças que podem ser consequentes de uma infância insegura: anorexia, ansiedade, bulimia, claustrofobia, depressão, doenças psicossomáticas, sonambulismo, baixa autoestima, dentre outras.

São inúmeras as consequências de quem não teve boas experiências na infância. Esse fato culmina em uma idade adulta com problemas principalmente emocionais, que impedem um convívio tranquilo na sociedade.

O ser humano aprende muito com exemplos. Pessoas que foram agredidas, hostilizadas, abusadas ou maltratadas na infância tendem a agir dessa forma também com seus descendentes. As pessoas aprendem sempre, nas mais diversas situações, aprendem com o que assistem na televisão, com o que leem nos livros, mas aprendem principalmente com o que um dia já fizeram com elas. Tudo porque somos bons reprodutores de atitudes.

Falemos especificamente da falta de autoestima. Ela é um problema que acomete com muitas pessoas, podendo ser consequência da infância, uma pessoa que não for bem orientada, pode desenvolver

doenças desse tipo, que interferem negativamente no desenvolvimento pessoal, profissional e social de qualquer ser humano.

Podemos conceituar autoestima como a apreciação que uma pessoa faz de si mesma em relação a sua autoconfiança e a seu autorrespeito. A autoestima é um sentimento que deve ser desenvolvido desde sempre, caso isso não aconteça, pode ser que haja a projeção de um adulto frustrado, que não confia no próprio potencial. Essa insegurança generalizada certamente o fará pouco feliz.

Protótipo disso são as pessoas que não aceitam suas próprias características físicas. Por esse fato passam a ter atitudes exageradas de busca pela "beleza". Assim, muitas vezes acabam por mutilar ou destruir o próprio corpo, quando não acabam com ele.

De todas as formas, é importante lembrar que a conquista da autoestima deve ser feita cotidianamente e sempre é tempo para cultivá-la. Na infância, as pessoas que convivem com a criança diariamente – sendo elas, pais, avós, babás e até professores – precisam agir com a intencionalidade de promover esse autocuidado. Uma criança que é ensinada a se amar e a se respeitar, certamente o fará com os outros. O contrário pode ser também verdadeiro, crianças que são hostilizadas, inferiorizadas e desrespeitadas, dificilmente crescerão com uma autoestima adequada, tampouco saberão agir respeitosamente com os demais.

Dessa forma, insisto: a criança precisa se sentir amada e respeitada para que tais sentimentos se consolidem. É no contato com o adulto que a criança passa a se apropriar desses sentimentos. É na convivência que acabam criando uma imagem negativa ou positiva sobre si, segundo as mensagens que recebem cotidianamente. Em suma, "as crianças valorizam a si mesmas, na medida em que foram valorizadas" (Dorothy C. Briggs).

CRIANÇAS APRENDEM COM ADULTOS

Estamos vivendo um momento de acontecimentos surpreendentes quando se trata das atitudes de nossas crianças, alguns positivos, outros nem tanto. Esses dias, numa conversa informal com uma grande amiga, passamos a fazer determinados questionamentos e reflexões em relação à educação de nossos alunos e principalmente de nossos filhos, enfim das crianças de um modo geral. Essa conversa só me fortaleceu a ratificar uma ideia que já tinha: como é difícil educar um ser humano, prepará-lo para vida, para ter sucesso profissional, sobretudo, para tornar-se um adulto responsável, ético e feliz.

No momento em que somos chamados a ser pais, nos é atribuída uma responsabilidade tão grande que é preciso muita força e compromisso para dar conta dessa linda e árdua missão, para que, no fim dela – isso é se um dia há fim –, seja possível ter o prazer de dizer: conseguimos e valeu a pena! Criar, educar, formar, edificar um ser social, justo, responsável, crítico e comprometido não é tarefa fácil. Exige princípios, coerência e exemplos, muitos exemplos.

As crianças aprendem muito mais com o que elas veem, vivem e presenciam e com quem elas convivem diariamente do que com o que falamos para elas em forma de sermões. Como ensinar para os filhos que o trânsito é violento e que precisam ser éticos no trânsito se às vezes se atende o celular enquanto dirige; como dizer para eles que mentir é feio e desrespeitoso se em algum momento pedem para eles atender ao telefone e dizer que não estão em casa. Como orientar que não devem agredir os colegas de escola ou vizinhos, se os pais não se respeitam, trocam ofensas e agressões na presença.

É com “maus exemplos” que se inicia a formação de pessoas com caráter duvidoso e também de pessoas com dificuldades em lidar com regras, de conviver com limites. De acordo com Tania Zagury, em sua obra *Limites Sem Trauma* (2011), dar limites é: Ensinar que os direitos são iguais para todos; Ensinar que existem OUTRAS pessoas no mundo; Dizer “Sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário; Mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não

podem ser feitas; Fazer a criança ver o mundo com uma conotação social (conviver) e não apenas psicológica (o meu desejo e o meu prazer são as únicas coisas que contam); Ensinar que a cada direito corresponde um dever e principalmente dar exemplos.

Suas palavras expressam o salutar da imposição de limites, de colocações bem orientadas. Para mim, essa questão é eficaz quando a família amostra em atos, já que seria contraditório impor regras aos pequenos se os próprios adultos não conseguem respeitá-las. A própria criança desde cedo é capaz de perceber as incoerências entre o discurso dos pais e seus atos. Assim, elas mesmas vão realizando uma espécie de modalização das regras, podendo surgir o famoso "mas você faz".

Acredito que a família é a principal responsável pelo sucesso ou fracasso dos filhos, pois as atitudes que temos com nossas crianças hoje vão refletir diretamente no adulto com o qual vamos conviver amanhã. Assim, se ensinamos comportamentos apropriados e os respeitamos, provavelmente nossas crianças agirão assim também com o próximo (apesar de algumas exceções existentes). Todo esse universo coerente entre o discurso e o ato pode contribuir para que tenhamos adultos mais responsáveis, conscientes, com boas atitudes e não corruptos, delinquentes ou de índole duvidosa.

AFETIVIDADE NA ESCOLA

Durante o processo de realização de uma pesquisa de mestrado em Educação, tive a oportunidade de ouvir bastante os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de uma instituição educacional. Nessa investigação, foi destaque a importância do relacionamento harmonioso como um desafio para o educador. Busquei conhecer os princípios que norteiam as relações afetivas e como são construídos os relacionamentos interpessoais entre professor-aluno em uma escola situada em uma área periférica da capital de Roraima.

Apesar de complexo o tema, é possível conceituar **afetividade** como o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões. A afetividade estimula a criança a alcançar seus objetivos e a ter êxito em seu processo de aprendizagem, por isso deve estar sempre presente no cotidiano escolar, porque envolve atenção, carinho, respeito e interesse.

Com essa pesquisa, foi possível perceber que há uma fragilidade na noção de afeto, pois historicamente tem-se a impressão de que apenas ações que envolvem contato físico são consideradas afetivas. Ao contrário desse entendimento, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança e suas produções em sala de aula.

Enquanto ouvia as crianças ao longo desse processo de pesquisa, foi possível perceber que os alunos preferem professores afetivamente envolvidos. Foi mencionado que para muitos até mesmo o tipo de metodologia que o professor utiliza parece mais envolvente e convidativo quando ele é uma pessoa afetuosa.

Em contrapartida, em relação ao que mais desagrada aos alunos em relação à postura dos professores, foi-me relatado o tom de voz que eles utilizam durante as aulas. Os alunos consideram uma tonalidade ríspida e forte como uma forma de agressividade que é bastante comum nos ambientes escolares.

Pude constatar ainda que os alunos geralmente pedem conselhos àqueles professores que acreditam ser mais confiáveis. É possível que essa prática seja frequente no ambiente escolar devido a um certo distanciamento que a família muitas vezes deixa ocorrer em seus lares. Assim, o aluno vê no professor uma figura que lhe viabiliza um norte.

Ao pedir para os alunos conceituarem o que é ser um professor sério, as respostas foram inúmeras como: "aqueles que não ficam com brincadeiras pesadas, não brincam, é chato, mal-humorado, não dá muita atenção aos alunos, não faz 'gracinhas', irritado, quem ensina e dá educação, que não é maldoso, é exigente, que vive com raiva e brigando, vive sempre com a cara ruim, é um professor bem comportado e que ensina bem, é um professor que 'luta' e 'briga' para os alunos aprenderem, é aquele que apenas faz atividade e não deixa os alunos bagunçarem".

Já o professor afetivo, foi descrito como aquele que: "dá atenção, é legal, bom, não passa tarefa difícil, brinca e conversa com os alunos, gosta dos alunos, explica o que é certo e o que é errado, é calmo, tranquilo, tem paciência, é alegre, educado, não fala apenas coisas envolvendo a escola, dá abraço, explica bem, não grita, é simpático, ensina com alegria, gosta de dar carinho".

A verdade é que as relações afetivas são construídas cotidianamente, o diálogo é uma das melhores formas metodológicas no processo de construção de um ambiente que convide à aprendizagem. A afetividade leva ao respeito. O afeto é percebido pelo aluno não somente a partir do discurso do professor, mas inclusive por suas atitudes durante as práticas pedagógicas diárias.

Dessa forma, o professor já não pode mais exercer apenas a função de transmissor de conteúdos, afinal lidar com alunos exige não somente didática, mas controle emocional, autoconhecimento, domínio não somente de conteúdos, mas também a compreensão do comportamento dos educandos, a fim de que seja possível construir junto uma relação que convide ao saber.

O QUE É UM PAI "PRESENTE"?

Segundo o Dicionário Aurélio, a palavra PAI significa: Homem que deu ser a outro; homem que tem um ou mais filhos; genitor, progenitor. Benfeitor; Protetor. Em nossa sociedade, a palavra pai tem um significado bastante amplo e completo. Hoje parei para escrever sobre esse tema delicado.

PAI palavrinha pequena, mas que suscita tantas coisas. A partir dela dá vontade de falar de um sentimento enorme, lindo, que é o carinho de Pai. Talvez seja difícil ser imparcial nesse momento, pois falar desse tema é falar de algo perturbador, um sentimento que algumas vezes me fez chorar e me sentir inferiorizada diante dos meus colegas de escola, devido à falta da presença desse genitor em minha vida.

Recordo-me da minha infância, de como eu detestava as festinhas para homenagear o dia dos pais, pois, para mim, era uma saudação àquele indivíduo que foi ausente na minha vida. E que a escola, no ápice da inocência, ainda me motivava a escrever cartões para esse personagem, que nunca aparecia para eu entregar. Assim, as produções acabavam esquecidas dentro dos meus cadernos.

Minha mãe e minha vó sempre tentaram preencher o espaço por ele deixado, mas, apesar de terem realizado com louvor seus papéis, algo ainda faltou por ser preenchido. Afinal, é impossível "sentar em duas cadeiras ao mesmo tempo", não dá para desenvolver dois papéis tão admiráveis concomitantemente.

Quando falo em presença, não é somente de morar no mesmo teto, é de ser pai mesmo, de cuidar, de conversar, dar broncas quando necessário, mas também de oferecer muito carinho e abraço sempre que possível. Falo de ser alguém que se preocupa com o rendimento escolar, com o crescimento do filho, com os medos, com o presente e com o futuro desse ser que depende de nós.

Só agora consigo compreender o verdadeiro sentido da palavra PAI e também o porquê de já ter ouvido relatos de pessoas maravilhosas com a seguinte frase: "não tenho inveja da riqueza nem de nada do

próximo, mas tenho inveja de quem um dia já soube o que é ter carinho de pai". Quando falamos de sentimentos e emoções, é difícil explicar determinadas atitudes, porém é nítido que um Pai pode colaborar muito para o desenvolvimento emocional e social de seus descendentes.

FILHOS SEM SOBRENOME

Após assistir a uma reportagem em que uma senhora ganhou judicialmente a possibilidade de ser indenizada pelo pai, pelo fato de ter sido negado a ela o direito do sobrenome, o direito ao afeto e à presença do pai durante a vida inteira, acabei por iniciar esta reflexão: PAI é tão importante assim na vida de uma pessoa? Pode até ser coincidência, mas já vi e ouvi muitas histórias em relação a isso e na maioria das vezes a falta ou presença desse "personagem" pode fazer um enorme diferencial na vida do ser humano.

Exercendo minha profissão nas escolas, presenciei determinados relatos de que a falta dessa figura contribuiu para proporcionar efeitos negativos para alguns, como dificuldades de relacionamento, insegurança emocional e problemas afetivos. Além disso, pude ver que sofrem uma série de constrangimentos em razão dessa falta.

Vivemos numa sociedade em que já estamos até nos acostumando a conviver com a negação dos nossos direitos diariamente, tanto que, em alguns momentos, sérios problemas sociais estão se tornando banais. Então, talvez daí venha o estranhamento em advindo do ato de questionar o sobrenome ou o afeto de um pai que os tenha negado por longas datas parece desnecessário.

Diante disso, quem sabe seja importante recordar alguns direitos básicos dos indivíduos que ainda estão em processo de formação de sua identidade e caráter. Depois da publicação da Constituição Federal de 1988 e da Lei 8069/90 ECA, é possível enumerar como direitos dos filhos os seguintes:

a) direito ao nome paterno e materno;

b) direito à orientação dos pais em sua criação, educação e direção espiritual e moral, compreendendo os conselhos e a vigilância, e a noção de limites e de respeito ao outro na convivência;

> c) direito de estar na companhia dos pais (biológicos ou não) em sua família e sob sua guarda e proteção;
>
> d) direito de ser representado pelos pais nos negócios da vida civil, criminal (processualmente) até aos 16 anos, bem como ser assistido dos 16 aos 18 anos, na prática de em alguns atos da vida civil, até a maioridade plena aos 21 anos; ou até além dessa idade no caso de portarem doença mental;
>
> e) direito de ser reclamado, pelos pais, a quem o detenha ilegalmente.

São muitos os direitos que os filhos possuem perante a lei, então questionar o afeto e o sobrenome do pai é bastante coerente se pensarmos realmente na formação integral da criança e no cumprimento dos reais direitos que todos deveriam ter. Não sei se o sobrenome da figura paterna traz muito efeito na vida de alguém, além de gerar desconforto quando se trata de questões burocráticas (como preenchimento de cadastros), mas sei que a falta desses (Pai e sobrenome) pode causar prejuízos à personalidade e à autoestima de muitos indivíduos.

Continuando minhas reflexões, recordei de um fato bastante curioso que presenciei durante uma pesquisa na cadeia pública feminina de nossa cidade, onde a maior parte das detentas com as quais tive contato não tinham sobrenome paterno, bem como também não tiveram nenhum contato com esse "familiar" na infância. Na grande maioria das que lá se encontram, a falha que cometeram quase sempre era o tráfico de drogas. Segundo os seus relatos, foram induzidas por parceiros que lhe prometeram cumplicidade e carinho infinito.

MÃE: O MELHOR PRESENTE DA VIDA

Diariamente convivo com muitas mães, amigas, primas, colegas de profissão. Independentemente do contato que tenho com elas, percebo algo em comum, não importa a profissão ou a situação social em que se encontram todas têm algo parecido, não importa as características, as diferenças dos filhos, essas mães têm algo em comum: amam seus filhos incondicionalmente e fazem muitas vezes até o impossível aos olhos de quem observa para proteger seus pupilos.

Além disso, essa relação de afeto não está relacionada ao fato de o filho ter sido gerado no próprio ventre, pois tenho várias conhecidas que têm filhos adotivos e que o sentimento de proteção não se difere de maneira alguma dos filhos biológicos. Um dia desses, presenciei uma inusitada situação, mas de uma dimensão maravilhosa de uma mãe, ela me relatou que estava muito cansada, pois havia passado boa parte da noite estudando com o filho para uma prova na disciplina de química, o curioso é que a mãe é professora de língua portuguesa e até onde tenho conhecimento sua afinidade com a disciplina em que o filho necessitava de auxílio era mínima e, por isso, ela teve que estudar muito até conseguir auxiliá-lo. Pelo que acompanhei, ele se deu muito bem na avaliação. Ser mãe é doar-se sempre além do que possamos imaginar sermos capazes.

Recentemente perguntei para uma colega como é ser mãe de um filho que já está na universidade, ela me respondeu sem nenhum receio que as preocupações continuam, que o medo de eles perderem o semestre, de desistirem, de se desmotivarem, de se envolverem com companhias incertas é o mesmo de sempre. É o medo de que algo dê errado.

Uma vez vi um caso de uma pessoa que inclusive foi cursar junto com a filha o mesmo curso no intuito de ajudá-la no que fosse necessário. Mães estão sempre apostos.

A luta pelo sucesso dos filhos é sempre uma meta a ser atingida, principalmente pelas mães, e mesmo com as diferenças de estilo de vida

em que as mulheres têm exercido inúmeros papéis na sociedade, a tarefa de educar e orientar os filhos para caminhos de sucesso ainda está bem relacionada à imagem e às atitudes das mães. Ou pelo menos ao papel social do que significa ser mãe.

FORÇA SUPREMA

Até os 25 anos de idade, eu observava o discurso de diversas pessoas, em especial de mulheres, acerca de algo diferente que ocorre quando damos vida a outro ser, quando, nesse ato, escolhemos ter uma companhia para compartilhar a vida "eternamente": um FILHO. Eu nunca duvidei de tal sentimento, até por que tamanha era a força e a coragem que eu via no olhar dessas pessoas. Ocorre que quando me tornei mãe pude ter a real dimensão, eu senti tanto amor, recebi tanto amor, principalmente das maiores fontes de amor neste mundo, MÃE e VÓ, que eu não teria como duvidar dessa força suprema.

Às vezes brinco e comento com alunos e amigos sobre o olhar que minha mãe me lançou quando me viu na bancada do auditório da universidade, há exatos 10 anos, para receber meu diploma de Pedagoga. Eu brinco dizendo que nem o médico Ivo Pitanguy na solenidade de sua pós-graduação recebeu um olhar de tamanho orgulho e sentimento igual àquele que eu tive a chance de presenciar naquela data. Não há como explicar, apenas sentir.

Foi no ano de 2009, especificamente, que pude perceber a valoridade e a imensidão desse sentimento de amar alguém igual ou mais do que nós mesmos. Esse sentir veio depois que passei a compartilhar minha vida com um ser que viveu 8 meses na minha barriga e que, acredite, a gente já ama, sofre e admira sem se quer ter visto pessoalmente. Não tenho a intenção de fantasiar a maternidade, pois nela, sei bem, também há frustrações; mas meu intuito é dizer que existe uma positividade esplêndida nessa ação de compartilhamento de afeto profundo como é o caso de um filho. Assim, apenas ratificando tudo que um dia já pensei e refleti sobre esse sentimento, foi num momento de desespero que comprovei ainda mais a dimensão dessa relação, era um momento de ver a própria vida por um fio, em frações de segundos, tive o egoísmo de não pensar nem na minha própria mãe – que me trouxe a neste plano – nem irmão, amigos, ninguém, a única motivação que me veio à mente, e junto dela uma força e coragem de enfrentar dragões, e o

mundo, foi a recordação do olhar, sorriso e amor puro de um ser de 1,35m de altura, que faz parte da minha vida desde maio de 2009.

A intenção desta reflexão não é romantizar a maternidade, mas, talvez, falar um pouco sobre o amor ao próximo e sobre a força que impulsiona o ser humano a partir dessa experiência de cuidar do outro.

O DESAFIO DE SER MULHER NO SÉCULO XXI

Há muito tempo, tenho sentido vontade de escrever sobre ser mulher neste século, confesso que muitas vezes iniciei e parei a escrita, MEDO, principalmente de acabar por produzir desabafos agressivos e não reflexões que cabem a toda sociedade. Então foi a partir de uma conversa com uma mulher bastante inspiradora, que não por acaso é minha Mãe, que a ânsia de expressar-me voltou ferozmente. Quando numa roda de conversa esta me expõe uma fala sobre acontecimentos do seu local de trabalho, (feira do produtor Rural) no qual um conhecido, de forma um tanto amigável e segundo o discurso dele numa tentativa de elogiá-la, passou a tecer comentários, tais como: "Você é muito trabalhadora, era para ter nascido era homem", "Ah, deve ter alguém por trás dos negócios dessa mulher, muita coisa para gerenciar, uma mulher sozinha não conseguiria", embora não tenha graça nenhuma, são questionamentos um tanto bizarros. Não estou aqui para fazer julgamento de ninguém, mas, o quanto esses discursos vão construindo estereótipos em torno das mulheres e o quanto isso nos machuca e dificulta nossa vida diariamente, pois, a partir disso e de muitas outras situações, somos colocadas a prova em diversos âmbitos da sociedade, havendo uma exigência de provação de competência, de habilidades, de inteligência, que nem sempre é exercida e exigida na mesma intensidade para o gênero oposto.

Ah, se aquele senhor soubesse da metade da história da mulher que ele acha que deveria ter nascido homem, a mulher que foi mãe aos 15 anos na década de 80, e que na maior parte do tempo sozinha cuidou e atualmente formou filhos médicos, professores e engenheiros, talvez ele entenderia porque ela nasceu e se construiu mulher e que esta exerce atividades e tem capacidades que independem de sexo. É difícil perceber qual a dificuldade dos seres humanos entenderem isso, porém, não é tão complexo perceber esse posicionamento, quando ainda enxergamos pessoas públicas e que pretendem administrar o país se colocarem em rede nacional que a mulher de fato merece ter salário inferior, pois sua produtividade profissional é inferior ao do outro gênero, visto que

engravida e desfruta de tempo de licença maternidade “bastante prolongado”.

Estes posicionamentos são bastante úteis para nos mostrar o quanto precisamos questionar essas colocações em torno do sexo feminino, o quanto precisamos questionar os discursos midiáticos e próprios do nosso cotidiano sobre o lugar da mulher na sociedade, assim como o perfil de uma mulher ideal neste século. A escritora nigeriana Chimanda Ngozi Adichie, em uma de suas obras, nos mostra que “a linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças e pressupostos”, portanto, é necessário questioná-la sempre. Porque de fato, nenhum discurso é apenas discurso, eles são carregados de significados e de práticas também. Discursos que inicialmente são meras opiniões que diminuem o valor ou as qualidades do sexo feminino, mas, que vez ou outra, na verdade numa constante, contribuem para o nascimento de práticas efetivas de sexismo, misoginia e todo tipo de violência sobre a mulher.

Neste sentido, o que sinto, ao contrário do que muitos homens se propõem a propagar, que as mulheres atualmente não tem muito porque se” revoltarem ou reivindicarem direitos”, pois nada se compara aos que as mulheres de décadas passadas viveram, e estas sim estariam autorizadas a gritarem ao mundo sua indignação. Faz-se importante lembrar que o que estamos vivendo hoje, apesar de ainda ter muito o que melhorar quanto as igualdade de oportunidades, é fruto de muita luta de mulheres das gerações anteriores e que se nós as atuais, ficarmos deitadas em berço esplêndido, não excluo a possibilidade de uma retroativa era de negação de direitos e intensificação aos mais diversos tipos de violência sobre nós.

Portanto, é possível perceber, que ser mulher neste século, ao contrário do que muitos divulgam, não é uma facilidade extrema, exige desse gênero, uma luta constante de provação de competência, uma desconstrução cultural simbólica de mulher perfeita em amplo sentido, além de uma luta diária de sobrevivência longe das violências, principalmente de gênero.

CAPÍTULO 2

Docência e Profissionalidade

PROFISSÃO PROFESSOR

Sempre tive uma imensa admiração pela profissão docente, ficava impressionada como meus professores conseguiam tal feito de por exemplo alfabetizar tantos alunos, cada um com sua particularidade que pouco a pouco percebíamos que todos nós já sabíamos lê, e os recursos eram tão escassos e o salário deles menos ainda, mas, estavam lá firmes e nos propondo o melhor, foram muitos: Terezinha, George, Zefinha, Edna, Irineu, Erisneide, Alice, cada um com uma lição diferente que guardo até hoje. Anos depois tornei me professora e sentir a satisfação e a inquietação que meus mestres passavam anteriormente e então pude concluir como fui sortuda! Pois exercer a profissão professor nunca foi nem tem sido uma tarefa simples e sim complexa e pouco reconhecida.

E depois de alguns anos desempenhando a profissão docente na educação básica, tive a oportunidade de vivenciar outra experiência, **formar professores**, exercer a docência com alunos de licenciaturas de diversos cursos do Ensino superior, Letras, Matemática, Física, Química, Educação Física e Pedagogia. Experiência incrível e ao mesmo tempo assustadora, quando percebi que na grande maioria das turmas principalmente as de futuros professores de "ciências exatas", é quase unânime a opinião de que não querem ser professor, jamais pensam em exercer a docência e que estão ali apenas para obterem a titulação de serem graduados em um curso superior e assim ter mais facilidade e menos concorrência em concursos públicos.

Isso gera uma inquietude enorme para quem é formador, pois o que estamos observando é cada vez menos profissionais destas áreas específicas estão sendo **formados** e, além disso, alguns que concluem o curso não saem FORMADOS nem com a animosidade necessária para fazer a diferença na comunidade que for atuar.

É muito possível que tal situação venha ocorrendo pela falta de reconhecimento adequado de tal profissão, pelo pouco investimento que se faça nela, uma das mais atuais observâncias é o piso salarial dos professores da Educação básica que além de ser baixo ainda há quem questione para que não ocorra ajustes.

Diante disso, cabe mais uma reflexão o professor é um profissional que assim como os demais, não trabalha apenas por amor, trabalha com amor, o que não os excluem de fazer parte de profissionais competentes que merece ser bem remunerado, reconhecido e oportunizado a ter ótimas condições para exercer sua profissão. Pois só a partir dessas premissas serem concretizadas é que alguém vai passar a querer de fato se formar PROFESSOR.

PROFESSOR OU EDUCADOR?

Esta não é a primeira vez que escrevo sobre a profissão docente, pois, afinal, é o que eu faço diariamente, é a minha vida profissional que se apresenta nesse ser docente, é o que me encanta e me motiva: ser professora! Nesta caminhada muitos sentimentos me constituem, atravessam-me, como vontade de aprender, de ver alunos seguirem suas vidas de forma exitosa, de ainda viver para desfrutar de uma escola pública de qualidade, bem como ter a possibilidade de ver um real investimento nacional na educação de acordo com as reais necessidades das comunidades escolares Brasil afora.

Em julho deste ano, completei 15 anos de atuação nessa área. Já tive a satisfação de ser desde professora da educação infantil até a pós-graduação *latu sensu*, e garanto, em nenhuma delas, é simples ou fácil exercer a docência e conduzir os discentes ao processo de aprendizagem, fazer intervenções necessárias, ensinar o que realmente precisa ser ensinado.

Atualmente tenho percebido uma discussão em torno da questão: "afinal, professor é ou não é EDUCADOR?". Tenho algumas ideias sobre esse questionamento: primeiro é importante deixar claro que quem ensina nos ambientes formais é o professor, é um profissional que exerce uma profissionalidade, que tem conhecimentos específicos para isso, que tem formação para tal função, que se planeja e faz um trabalho de forma sistematizada. Ensinar é uma atividade prolongada, pois a própria formação deste profissional é longa e exige dele um processo contínuo de capacitação. E acredite o fazer pedagógico se antecede e, muito, ao momento antes da aula em si ser realizada no cotidiano institucional.

Nesse sentido, é importante lembrar que quem pratica a docência é um PROFISSIONAL, não é um amigo da escola, portanto é necessário saber que a docência não pode ser desempenhada por "qualquer um". Parece legítimo que diferentes profissões exijam o reconhecimento que lhes cabe, esse respeito pelos anos de formação – como no caso dos profissionais de educação física, que têm efetuado uma campanha

rigorosa no sentido de evitar pessoas não qualificadas exercendo suas funções em academias etc.

Assim, sigo a linha de compreensão em que somos mais do que educadores, pois educador os pais podem ser, o pastor, o padre, a polícia comunitária, o (a) presidente da associação de bairros, a babá, os assistentes de alunos e estes nem precisam de uma formação específica para tal. Não estou diminuindo a importância desses relevantes atores sociais, apenas sigo no objetivo de esclarecer o que nos diferencia enquanto profissionais qualificados de outras pessoas que, com boa vontade e dedicação, também exercem funções de extrema importância na formação do cidadão.

É preciso citar ainda que isso não significa que, enquanto professor, também não exerça a tarefa diária de educar, porque, no exercício do nosso trabalho cotidiano, além dos conhecimentos científicos específicos que ministramos de acordo com os diferentes componentes curriculares de cada área, nós também ensinamos valores, ética e outros tantos conhecimentos que vão contribuir para efetivar nosso trabalho de ensino no exercício da docência, bem como serão pilar para a formação cidadã do aluno, que atuará no mundo como um ser responsável.

Por todo o dito, sinto-me muito feliz por, em alguma medida, poder compartilhar aprendizados com pessoas, em especial alunos. A docência nos proporciona experiências de amor, de dor, de alegrias e de muito amadurecimento pessoal e profissional. Assim, o que enxergo é ainda uma vontade extensa de continuar nesta profissão por longas datas e meu desejo é que o investimento nesta área e no professor seja uma meta efetivada com veracidade.

PROFESSOR SEM VALOR

Talvez boa parte da população considere até um jargão ouvir alguém dizer que é professor e se sente desvalorizado, mas a última da rede municipal de ensino reforçou a pouca importância desses profissionais. Vários educadores esperaram 3 anos de estágio probatório para poder ser efetivados e, a partir daí, adquirir o direito de requerer a progressão por titulação de pós-graduação: especialista, mestrado ou doutorado.

Foi dada a entrada no início do ano de 2012 e, em novembro do mesmo ano, publicado no diário oficial a lista de todos aqueles a quem o benefício foi concedido. Assim, depois da papelada, veio o aumento de 100 reais no salário.

Foi pouco, mas a classe comemorou! Entretanto, veio a surpresa, no mês de seguinte fomos surpreendidos com a suspensão desse montante (cem reais) nos nossos salários. Ninguém entendeu nada!

A Secretaria de Educação informou somente a quem foi buscar respostas. Disse que, inclusive, já havia acontecido outras vezes. Assim, foi dada a triste notícia, além desse desfalque, outros ocorreriam nos meses seguintes. Dessa forma, em outro diário oficial foi publicado o cancelamento das progressões porque não havia verba para pagar o referido "aumento" e que precisaríamos nos dirigir até a prefeitura para termos mais esclarecimentos.

O sindicato da classe de trabalhadores bem que tentou, inclusive buscou alternativas judicialmente, porém a última informação que recebemos foi a de que o juiz deu perda de causa para nós em primeira instância. Agora o que resta é aguardar o resultado final.

Tempos idos, esses fatos estão no passado. O que tristemente permanece é o descaso com os profissionais da educação. O que ocorreu naquele momento ainda ocorre e reforça muito a vontade de professores se afastarem de seus cargos. Toda essa situação gera muitos sentimentos, ao mesmo tempo em que promove uma necessária reflexão sobre a profissão professor.

Como é possível deixar de pagar um grupo de profissionais tão importantes para a sociedade com o argumento de que não se tem verba para isso! Atraso de salário, suspensão do pagamento de férias, cancelamento de progressões, não cumprimento da Lei do Piso (16 h aula). Além da desvalorização, o profissional da educação muitas vezes tem de custear com seu próprio dinheiro o desenvolvimento de seus afazeres de sala de aula, tudo para exercer nossa função com qualidade.

Por que nossos direitos são tão negados**?** Por que há tanto desrespeito? Por que não há comprometimento por parte dos órgãos públicos? Muitas são as perguntas. Queremos direito de voz, queremos melhores salários, melhores condições de trabalho, mais formação continuada gratuita e de QUALIDADE. Queremos menos opressão e mais investimento em nós! Na educação!

ALÉM DO OFÍCIO

Quando se escolhe ou apenas se chega à determinada função para exercer algumas atividades, compreende-se que há – e se aprende – um conjunto de habilidades para realizar da melhor forma possível o trabalho que uma pessoa se dispõe a efetivar. O dicionário *Aurélio* até nos oferece o significado de ofício como sendo: "qualquer atividade de trabalho que requer técnica e habilidade específicas" e isso nos parece bem real e verdadeiro em qualquer campo de trabalho, seja ele no âmbito da Educação ou não. Para exercer funções profissionais, então, é preciso, na maioria das vezes, dominar todos ou ao menos a maioria do que se requer de conhecimento relacionado com o campo de atuação em que se está inserido.

No entanto, dentro do serviço público – falo deste porque é nele em que estou arraigada – às vezes nos vemos diante de situações a serem realizadas que vão além de nossos deveres assinados quando da posse do cargo público. Essa questão das tarefas que temos de fazer em determinada função gera polêmica sem fim, cada qual sustenta uma opinião. Falarei por mim. Ao pensar nisso, observo o quão pequeno é entender que não se devem realizar determinadas atividades porque não se recebe vencimento para tal. A julgar, por exemplo, por meu campo de atuação, é bem difícil estabelecer a linha demarcatória das funções que o professor deve ou não deve fazer.

Pelo tempo de experiência profissional que tenho, sinto que quando se trata de um trabalho com pessoas, com educação, com instrução, como o é a escola, temos um caso de meio que envolve sentimentos, autoestima, conhecimento científico, mas saberes também de mundo, de vida. Assim, há necessidade de cuidado, de um trabalho realizado não apenas em busca de cumprimento dos ofícios que nos cabem, é preciso mais. Não estou dizendo que devemos ir contra a lei ou até nos desviar de nossas funções, realizando atividades alheias em detrimento das nossas, que, na educação, trata-se de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. Falo da missão que nós, enquanto

humanos e enquanto professores, temos de fazer muita diferença na vida das pessoas. Sublinho: uma diferença positiva, para o bem!

A vida e a caminhada profissional na escola nos possibilita conhecer pessoas, conviver com elas e, nesse ato, muitas vezes vivenciar seus dramas, seus medos, seus êxitos, suas descobertas. Acompanhamos seu crescimento. Ali estamos para ensinar conteúdos, mas também para dar uma palavra de carinho, um abraço acalentador, um "vamos lá, não desista!".

Nessa linha de pensamento, recordo-me das lindas palavras do Professor espanhol Jorge Larossa quando ele menciona que "É experiência aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma; somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.". Essa visão de mundo me inspira. Sigo, pois, reconhecendo a grandiosidade do processo de mudança que se dá a partir da experiência com o processo educacional.

Pensando nisso, só me resta agradecer por tudo o que tenho vivido e pensar em como é bom trabalhar em uma escola MULTICULTURAL, que busca diariamente se centrar e realizar práticas em uma perspectiva inclusiva. Uma instituição que visa ao acolhimento. Uma escola que se compromete – e como! – com os cidadãos e os profissionais que estão sendo formados nela e por ela para viver e trabalhar em prol da sociedade roraimense, da sociedade como um todo.

SER PEDAGOGO

Pedagogia é a ciência que tem como objeto de estudo o ensino e a aprendizagem. O Pedagogo é um profissional que passou 4 anos nos bancos da universidade. Esteve lá, portanto, pelo menos um total de 3.376 horas, dedicando-se a estudos obrigatórios e eletivos. Esteve debruçando-se em muitas leituras, o que certamente faz multiplicar essa carga horária minimamente pelo dobro. Realizou tarefas, dedicou-se a buscar conhecimento e muitos estudos foram necessários para concluir com sucesso seu curso de licenciatura. Em seu andar, sem dúvida, teve pedras e dificuldades, mas também companheirismo e motivação.

Essa caminhada inicial habilita o profissional para começar sua atuação na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental. Quando o pedagogo consegue realizar esse primeiro passo é uma realização surpreendente. Então, os próximos vão acontecendo de forma sequencial, por necessidade profissional e até mesmo pessoal, conclui-se a especialização. Outro momento de vitórias. A seguir, mais desafios: o mestrado. Depois de luta muita luta e empenho, ingressa-se no doutorado.

Todas essas etapas, de sabores e dissabores, são almejadas pensando no aperfeiçoamento profissional, na vontade de acrescentar cada vez mais ao público-alvo no qual se vai atuar. A preocupação é mais com a excelência do serviço prestado do que pela remuneração, porque é tão reduzido o valor que dessa formação advém que, se formos focar nele, o desestímulo toma conta e não é possível chegar a lugar algum.

Muitos não têm muita ideia do que é esse profissional, do que ele faz. O pedagogo é aquele que atua com a base, que alfabetiza, que ensina a escrita do nome e que, agregado aos conhecimentos técnicos, consegue inclusive contribuir na formação da identidade de seus alunos, dando-lhes valores sólidos para a vida.

O pedagogo é aquele que, na maioria das vezes, atua numa sala de aula com uma grande turma, sozinho e ministrando diferentes

componentes curriculares. É o profissional que tem que se distender mesmo, pois a qualidade do trabalho que vai realizar nesse primeiro momento vai influenciar por longas datas na vida daqueles indivíduos que foram ensinados e orientados por ele. O fruto de seu labor ecoará.

O pedagogo é aquele que marca emocionalmente a vida dos seus educandos, afinal o primeiro professor é geralmente muito lembrado. O pedagogo é um profissional de elevado valor no processo educativo, seja como docente, seja como coordenador das práticas educativas. Portanto merece ser respeitado, considerado como um profissional de estimado valor.

No entanto, diante das situações políticas e organizacionais que o Estado de modo geral se encontra, não é assim que estamos nos sentindo. Isso porque é desconsiderada a carreira e a formação do profissional educador, Sim, muitos PEDAGOGOS são orientados a ministrar disciplinas como Filosofia ou Artes e, quando não o acatam, são diretamente questionados, pela segunda licenciatura. E quem AINDA não a fez é surpreendido com a grande frase "MAS VOCE É SÓ PEDAGOGO? NÃO FEZ MAIS NADA?".

Nós pedagogos queremos deixar claro que fizemos sim, já fizemos especialização até mais de uma, mestrado e doutorado. O fato de não ter feito AINDA outro curso de graduação não nos faz ser inferiores ou ao menos tentados a nos sentir inferiorizados. Professores sim, Pedagogos sim. Não se trata de ser só PEDAGOGOS, mas sim de sermos pedagogos atuantes, que já fizemos e continuamos fazendo muita diferença na vida de inúmeros alunos. Tanto porque queremos quanto porque temos a formação profissional para isso.

Não quero deixar a interpretação de que todo pedagogo é doutor ou que é muito fácil cursar a pós-graduação, quero apenas deixar explícito que o Pedagogo merece ser respeitado e que, pós-graduado ou não, com segunda graduação ou não, é um profissional muito importante para o desenvolvimento educacional da sociedade.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

A concepção de uma melhoria contínua nos processos de ensino-aprendizagem depende da crescente necessidade de desenvolvimento de competências específicas nos professores com base em novos conhecimentos, habilidades e atitudes. A despeito desta relevância, observa-se que a formação continuada de professores acontece na maioria das vezes em função da motivação pessoal dos docentes frente a um recorrente silêncio administrativo por parte das Secretarias de Educação.

Sabemos que a formação oportuniza ao professor um trabalho com mais qualidade, pois lhe favorece fundamentos teóricos para a realização de uma prática coerente, possibilita conhecer o desenvolvimento do aluno nos seus múltiplos aspectos: afetivo, cognitivo e social, bem como refletir criticamente sobre seu papel diante da sociedade.

Há, portanto, sem dúvida a necessidade da existência da formação continuada para professores que atuam em qualquer nível de ensino das instituições escolares. Isso porque o professor deve ser um intelectual em processo contínuo de formação, em busca de melhoria, pois tal como diria o mestre Paulo Freire, a prática educativa deve se manifestar continuamente pela melhoria da afetividade, capacidade científica e domínio técnico a fim de proporcionar um serviço da mudança e transformação social.

Os professores têm buscado essa formação contínua. Nos últimos meses, tenho acompanhado e ministrado aulas nos cursos de pós-graduação/especialização em muitos municípios brasileiros. Nessas caminhadas, pude presenciar relatos bem gratificantes de pessoas que viajam muitos quilômetros para chegar até essas aulas, a busca pelo conhecimento os faz enfrentar inúmeros desafios, como: poucos recursos financeiros, estradas mal estruturadas, estudos nos fins de semana, deslocamento para municípios vizinhos, dentre outros.

Para a equipe de professores que atuam nesses cursos, é muito enriquecedor verificar que pode contribuir com o desenvolvimento educacional e social da população de nosso Estado. No entanto, é importante destacar que as políticas de formação para os professores devem ser ainda mais fomentadas e reestruturadas no sentido de atender às reais necessidades dos docentes, que, ao terem oportunidades de se formarem continuamente, poderão melhorar cada vez mais a qualidade do trabalho realizado nas salas de aulas.

EMPATIA, INCLUSÃO E DOCÊNCIA EM REGIÕES DE FRONTEIRA

Viver em Roraima, estado que faz fronteira com dois países diferentes, Venezuela e República da Guyana, suscita uma imagem de intercâmbio cultural em que é possível experimentar um cotidiano multicultural, haja vista a facilidade de encontrar pessoas de diferentes nacionalidades e etnias. Outra imagem comum é o ir e vir entre os países, já que se trata de uma fronteira: intercambiam-se produtos, serviços e histórias.

Porém, o fluxo de gente de lá para cá tem aumentado – e muito! A turbulência pela qual passa o país em questão favoreceu um movimento de venezuelanos que desejam partir em busca de oportunidades: querem fugir das mazelas oriundas da falta de emprego, da saúde precária, dos problemas do país. Assim, a paisagem do dia a dia no estado de Roraima é transformada pela acessibilidade que uma região de fronteira oferta e, então, o que se vê é um número bastante expressivo de estrangeiros que passaram a residir em Roraima como um todo, principalmente na capital Boa Vista.

Nesses termos, intensificou-se a multiplicidade de idiomas ouvidos nessa região. Misturaram-se ainda mais os rostos e as origens. Seria muito interessante, não fossem as condições observadas: pessoas pedem ajuda, comida, emprego. Pessoas diversas, com formações diversificadas, oferecem serviços e, como são estrangeiras se submetem como mão de obra barata, em busca de uma solução para sanar suas necessidades básicas de sobrevivência, principalmente a FOME.

Essa questão, dentre outras situações, tem despertado diferentes sentimentos nos brasileiros, sobretudo nos roraimenses. Uns aproveitaram para expor sem pudor a xenofobia que estava guardada. Sem constrangimentos, disferem sua indignação a qualquer forma de acolhimento; sentem-se roubados – do pão ao teto. Outros expressam pesar, entendem o momento de crise pelo qual passa o país vizinho e, assim, empaticamente se colocam no lugar do outro e, portanto, passam a realizar ações para diminuir o sofrimento dos estrangeiros.

Dentre minhas experiências com a docência, atuar no curso "Português para Estrangeiros", está sendo uma experiência gratificante. É um lindo trabalho que, de forma gratuita, oportuniza a pessoas de diversos níveis de escolaridade a frequentarem as aulas e se apropriarem da língua portuguesa a fim de angariar uma melhor condição no Brasil.

A turma é bastante diversificada. Há falantes do espanhol e do francês, alguns com pouca formação acadêmica, outros com elevados níveis de conhecimento especializado como Mestre e Doutor em Educação, professores, fisioterapeutas dentre outras formações. Segundo relatos dos próprios alunos, suas especialidades não são reconhecidas por serem eles estrangeiros. Assim, para sobreviver, estão exercendo trabalhos completamente antagônicos à sua área de formação, tais como babás, domésticas e ajudantes de pedreiros. O idioma é um obstáculo que os impede, dentre outras questões, de que eles atuem em suas áreas de formação.

O olhar de gratidão assim como a participação efetiva nas aulas demonstra o quanto ações como essa contribuem para diminuir a marginalização dessas pessoas. Além disso, pela aprendizagem do idioma, sua integração é facilitada. Ademais, abre a possibilidade de que essas pessoas possam se expressar com maior segurança justo em um momento em que passam por situações sociais, financeiras e emocionais delicadas, que por si já fragilizam, mas têm sua carga acentuada devido à distância dos familiares e pelo fato de ter que recomeçar a vida, frente aos desafios impostos pela aprendizagem da língua e da cultura do país em que estão inseridos.

Saber das necessidades diversas que esse novo público existente possui no momento não é tarefa apenas de órgãos públicos governamentais, cabe à sociedade como um todo. Existem ações que podem ser pensadas para 1) mostrar que o estrangeiro não é uma ameaça ao povo roraimense; 2) informar que xenofobia é preconceito; 3) desenvolver atitudes diárias que possam auxiliar numa vivência harmoniosa entre as pessoas; 4) dar possibilidades de os novos moradores movimentarem-se com maior autonomia em nosso país a fim de que eles não sejam explorados ou vivam em situação de miséria.

POR QUE NÓS, PROFESSORAS?

O Centro humanitário de apoio à mulher faz parte de um projeto da comissão de defesa dos Direitos da mulher, da assembleia legislativa de Roraima, que tem como missão promover o atendimento e o acompanhamento jurídico, psicológico e social da mulher e da família vítima de violência. Além disso, garantir os direitos da Lei de nº 11.340.2006 – A Lei Maria da Penha.

Constatou-se na pesquisa mencionada que os bairros que apresentaram os maiores números de registros foram Hélio campos, Caranã, Brigadeiro, Santa Teresa e Centro. Vale citar que o CHAME tem também registrado casos de agressões de outros municípios do estado de Roraima, os municípios que apresentaram o maior número foram Caracaraí, Rorainópolis e Alto Alegre.

O que chamou a atenção foi o fato de que, dentre as mulheres agredidas denunciantes, um número bastante significativo foram as PROFESSORAS, ocupando o primeiro lugar entre as profissionais formais.

Foi registrado ainda que dentre essas profissionais haviam uma doutora, duas mestres e 8 especialistas. Esse registro pode levar a concluir que, embora a mulher tenha um elevadíssimo grau de escolaridade, continua sendo vítima dos mais cruéis tipos de violências, tais como violência física, moral, psicológica, patrimonial e sexual.

Serão mesmo as professoras as profissionais formais mais agredidas? Ou serão elas as mais seguras e informadas para denunciar essas covardias? Talvez outras profissionais possam estar sofrendo violência, mas a reputação social não lhes permite divulgar tal situação. De qualquer modo, os dados e os questionamentos deixam uma mistura de tristeza e revolta.

A mulher tem conquistado espaço no mercado de trabalho, tem vencido alguns preconceitos em relação ao gênero. Conquistas essas que, aos poucos, fazem com que a sociedade deixe de nos ver como o sexo frágil.

Justamente por tudo isso eu digo: parabéns, PROFESSORAS! Não sei se continuaremos a ser as mais agredidas, mas seremos, sim, as mais denunciantes. Nesse sentido, que siga a luta! É importante continuar denunciando e lutando para que a admiração e o respeito seja contemplado, principalmente em nossos lares. Vivenciar agressão de qualquer natureza jamais poderá fazer parte de nosso currículo, nem de nenhuma mulher desse mundo.

CAPÍTULO 3

Processos Educativos na Escola

1° DIA DE AULA

Há pouco tempo acompanhei o 1° dia de aula de muitas crianças, filhos de amigos, colegas de escola da minha filha e principalmente os alunos da instituição em que trabalho. Esse dia é um momento muito especial e importante na vida das crianças, pois a partir daí elas vão passar a viver outras experiências e compreender que começarão a conviver com diferentes companhias. É, pois, uma mudança de rotina que exige muitos cuidados e preparo por parte da família e da escola.

Desse modo, esse momento precisa ser bem preparado, tanto pela escola que vai receber essas crianças como pelos pais que devem esclarecer para os pequenos, desde muito cedo, que a escola será um local de aconchego e aprendizado. Assim, a criança estará "segura" nesse novo ambiente.

Porém, parece que muitos pais não têm conseguido passar essa segurança para as crianças e daí surgem alguns desgastes emocionais, para todos que estão inseridos nesse processo. Tanto para a criança, que chora desesperadamente, quanto para os colegas que não se sentem inseguros, mas que, ao presenciarem o desespero dos demais, também passam a ficar com medo e alguns até apreensivos.

Não é fácil preparar emocionalmente uma criança seja para qual for a situação, afinal lidar com as emoções não é uma tarefa muito fácil. Se para os adultos é delicado, para as crianças é algo que requer mais tempo, é um tema delicado, de aprendizado complexo. Na verdade, é necessária uma preparação diariamente.

Para a psicóloga Heidi Rosenthal Ginzel, o primeiro dia de aula deve se tornar especial para pais e alunos a fim de evitar situações de *stress*. Ela defende que, quanto maior a preparação da criança para a vida escolar, mais fácil ela se adaptará. Para orientar-nos a todos, dá algumas dicas para minimizar as dificuldades comuns no primeiro dia de aula:

- Escolha do colégio – embora essa decisão seja de competência dos pais, é importante que a criança sinta-se participante, escolhendo e visitando o colégio antes do início das aulas;

- Ansiedade positiva – estimule a criança a ter interesse pela escola, destacando como o colégio é bom, a estrutura que ele oferece, a importância de aprender e fazer novos amigos;

-Mudanças positivas – destaque as novidades bacanas como a compra de material, mochila, uniforme novo, transporte escolar, etc.;

-Preparação – se possível, uma semana antes, altere os horários da criança para que ela se habitue ao novo horário que terá com o início das aulas;

-Compartilhe experiências – conte suas vivências na sua época de estudante para que a criança tenha familiaridade e desenvolva interesse na rotina escolar;

- Animação – o ânimo dos pais é essencial para estimular o filho. De nada adianta levar a criança para aula reclamando que tem que acordar cedo e enfrentar o trânsito;

-Chorões – uma das reações das crianças é chorar para chamar a atenção dos pais. O importante é ter firmeza, mas ir conversando amigavelmente e com carinho;

- Espelho – a criança reflete o sentimento dos adultos. Se os pais estiverem nervosos, aflitos, inseguros, esses sentimentos serão manifestados nos filhos.

- Confiança – reforce que é importante a colaboração e compreensão da criança nessa nova fase.

-Paciência – não alimente expectativas exageradas em relação ao primeiro dia de aula de seu filho. Não critique os erros, mas incentive os avanços.

Assim, é importante buscar informações para atenuar o medo de nossas crianças à nova rotina da escola, acompanhar o dia a dia escolar delas nesse período inicial é de fundamental importância. Se a situação de desconforto da criança se prolongar por muitos dias, é importante buscar auxílio de profissionais especializados para lidar com essa situação.

ATIVIDADES CULTURAIS: INSTRUMENTO PARA O SUCESSO ESCOLAR

Hoje meu coração encheu-se mais ainda de alegria, pois fui assistir a mais uma apresentação cultural da minha querida filha. Tal evento foi promovido pela escola em que ela estuda. Nossa! Como ela também estava feliz e, apesar de ter apenas 3 anos, vi-a com grande entusiasmo com o fato de mostrar o que tinha preparado há muitos dias para nós.

Foi um sucesso, um exemplo de organização, o cenário, o figurino, as crianças bem ensaiadas e animadas, uma apresentação digna de ser muito elogiada. As apresentações contemplavam desde as crianças do berçário até as do 5º ano, que é a faixa etária que a instituição atende. Foi um show de criatividade, homenageavam o Estado de Roraima. Todos os pais e professores ficaram atentos, orgulhosos e satisfeitos pela dimensão de tal evento organizado.

A partir daquele momento, passei a refletir mais ainda sobre a importância das atividades culturais para o desenvolvimento integral das crianças. Isso porque vi que lá eles tiveram a oportunidade, de cantar, dançar, discursar, dramatizar e principalmente desenvolver suas mais diversas habilidades.

Nessas ocasiões, as crianças conseguem expressar seus sentimentos através de diferentes formas que a arte permite e, a partir disso, também nosso olhar de educador pode visualizar a expressão das inteligências múltiplas das crianças, tais como: inteligência interpessoal, linguística, sinestésica, dentre outras. Alguns alunos que talvez não sejam os mais aplicados nos conteúdos de matemática ou português, por exemplo, nesses momentos demonstram que têm muitas outras capacidades que podem ser aproveitadas pela escola como instrumento para desenvolver habilidades que ainda não foram desenvolvidas.

Não estou dizendo que as crianças não precisam estudar as disciplinas indispensáveis da Educação básica. O que apresento é o fato de que a arte é componente que deve estar inserido no currículo de todas

as escolas e, portanto, deve ser trabalhado conforme propõem os Referenciais curriculares Nacionais e os Parâmetros Curriculares Nacionais, de modo que seja possível contribuir para o desenvolvimento da autoestima, criticidade e criatividade das crianças.

Atividades culturais bem planejadas e organizadas no espaço escolar, com cunho exclusivamente pedagógico, valem a pena, servem como motivação para os alunos frequentarem as aulas, podendo ainda ser um forte aliado no processo de socialização e integração entre as crianças que estão iniciando o processo de escolarização. Além disso, possibilitam ao aluno a troca de experiências com outros colegas e professores, permitindo às crianças mais tímidas o desenvolvimento da oralidade, da expressão oral, que tanto necessitamos em vários momentos de nossas vidas.

Se as escolas, principalmente as de educação infantil e de Ensino Fundamental, passarem a compreender a importância dessas atividades para diminuir o índice de infrequência, evasão, de repetência, enfim, do indesejável fracasso escolar, estarão provavelmente formando uma geração com menos medo de se expressar em público, com mais coragem de exigir alguns direitos e quem sabe pessoas com menos temor de apresentar trabalhos, seminários e até palestras quando chegam às universidades.

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: TRANSFERIR OU EDUCAR?

Atualmente tenho ouvido e lido casos constantes de violências nas escolas, não só públicas como privadas. As agressões vão desde xingamentos até ataques físicos, que já resultaram em desmaios e idas a hospitais. Dessa cena nos cabem algumas reflexões: de quem é a culpa dessa situação**?** Se é que existe culpado.... Quem é mais vítima**?** Que atitudes devem ser adotadas**?**

A escola vem tentando fazer seu papel de educadora, mas são muitos os entraves que contribuem para que isso não aconteça de fato. Além disso, alguns pais tem deixado a educação dos filhos como uma obrigação única e exclusiva dessa instituição. Então, conseguir direcionar toda a vida de um indivíduo e ensinar os conteúdos atitudinais, conceituais e procedimentais da educação básica do currículo em apenas 4 horas diárias de um dia que tem 24 horas parece-me um pouco demagógico.

Mesmo assim, ciente de tudo isso, é notório que a sociedade acredita, de modo geral, que educar é papel da escola. Já foi possível ver exemplos desagradáveis como quando alguém tem uma atitude de desrespeito ao próximo, seu cuidador diz: "Está tão mal educado que nem parece que está estudando". Essa frase pesa nos ombros de professores educadores. Parece que a missão de educar é somente nossa – e não é!

Em nossa constituição de 1988, Art. 205, temos bastante claro que "A educação, direito de todos e dever do Estado e da **família**, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Assim, percebemos que a família precisa preparar seus filhos para mais além daquilo que é solicitado em provas de vestibular ou na aprovação de cada ano letivo. Crianças e adolescentes precisam ser preparados para respeitarem o próximo diariamente, respeitar todos...colegas, professores, pais a sociedade no geral.

As cenas de violência entre crianças e adolescentes têm nos chocado, parece que estamos fracassando em algum momento. Em todo o caso, é bom lembrar que esse fracasso é conjunto, uma comunhão entre pais e filhos, e não somente incumbência da escola, embora muitas brigas iniciem e terminem em tragédias dentro do espaço escolar.

O que se vê é que algumas instituições, talvez com pouca experiência e mal apoiadas, não tomem medidas de prevenção que realmente façam efeitos a curto, médio e longo prazo. Digo isso porque tenho assistido, com pesar, nos meios de comunicação, que as atitudes tomadas pelas instituições são quase sempre medidas de suspensão e transferência do aluno de escola, situação que provavelmente não seja resolvida. Ela fez apenas com que o problema seja transferido e novamente atitudes violentas ocorram nos novos ambientes. É preciso realizar ações práticas para combater esse mal que tem nos atacado cotidianamente.

Um dia desses fiquei muito feliz por saber que uma escola agiu de maneira bastante inteligente quanto a isso, seu posicionamento foi orientar pais e alunos infratores. Além disso, os alunos que tiveram a atitude negativa tiveram de apresentar um trabalho relacionado ao *bullying* e à violência, nas outras salas de aulas que presenciaram tal fato. Pelo que tenho acompanhado, a cena não mais se repetiu....Ou seja, um trabalho de conscientização e parceria entre escola e família tem muito a contribuir com mudanças de atitudes de alunos com comportamentos inadequados.

BULLYNG E RACISMO NAS ESCOLAS

É comum ouvirmos expressões do tipo "a coisa está **PRETA"**, a fim de fazer referência a problemas ou dificuldades. Também escutamos diariamente posicionamentos do tipo "não vou tomar café, por que **VOU FICAR PRETO",** como se o fato de ser "preto" ou negro fizesse alguma diferença no caráter de alguém. O fato é que expressões dessa natureza são ouvidas ou faladas, muitas vezes, inconscientemente, estando presentes em muitas expressões da língua portuguesas e disseminadas na cultural brasileira. O pior de tudo é que vão perpetuando-se nos costumes, acabando, dessa forma, refletidas em algumas ações que crianças e adolescentes têm em relação ao próximo na sala de aula, bem como em todo contexto escolar.

É triste. Já foi possível perceber cenas de alunos extremamente chateados por terem sido apelidados de negrinhos do Codó, cabelo pixaim, macaco velho, meia noite. Quando o apelido não vem, o que aparece é são frases do tipo "o negro não erra no início, mas no final é certo". São atos e expressões de base cruel, preconceituosa, que levam à prática de *bullying* e de racismo.

Os promotores desse quadro, muitas vezes, nem percebem – o que pode ser ainda mais grave, pois demonstra que certos julgamentos estão arraigados em nossa sociedade –, mas aqueles que sofrem guardam marcas que podem prejudicar sua autoestima, seu potencial de aprendizado e todo o seu desenvolvimento social. Resultado disso é que as pessoas atingidas por esse tipo de atitude passam a não reconhecer sua própria identidade, acabando por se negarem enquanto pessoas negras, preferindo ser chamadas de moreninhas ou qualquer coisa que fuja da palavra NEGRA, afinal a mídia tem também contribuído para enfatizar uma situação inferiorizada do afrodescendente.

Um exemplo disso é o fato de que, geralmente, nas novelas os negros são os que ocupam papéis de menor prestígio social, tais como doméstica, jardineiro, porteiro. Colaborando para um maior estereótipo, negros aparecem ainda como moradores de bairros pobres. No contexto mais extremo: o assaltante, o bandido, é muitas vezes um negro.

Esse cenário piora o imaginário comum, faz enraizar conceitos não reais. Ademais, não cria modelos, pois dificilmente apresenta as conquistas que os negros têm tido ao longo de muitos anos, passando a impressão de que ser negro é feio, ou sinônimo de perdedor... E quem quer ser perdedor na vida? Com certeza, ninguém...

Essas são situações tão constantes que passam a incluir o âmbito escolar, onde podem ser, erroneamente, vistas como probleminhas que se podem resolver depois e acabam sendo deixados pra lá. Por que então existem as Leis Federais 10.639/2003 e 9.394/1996? Para que serve a obrigatoriedade do ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira. Questiono o porquê de essa medida não ser efetivamente aplicada na realidade escolar, quando justamente ela promoveria conhecimento e, quem sabe, menos preconceito.

Até o momento, o que se tem é apenas mais um integrante do currículo de muitos de nossas instituições que não são postos em prática. Em tempo, um ponto positivo: pelo menos a comemoração do dia da consciência negra acontece. O lamento vem do entendimento de que o lembrete da data crie a ilusão de que a lei está sendo cumprida e a exclusão dos negros diminuída.

Sublinho com essas linhas a importância de a escola trabalhar a diversidade cultural conforme propõe os Parâmetros curriculares Nacionais. Meu desejo é que projetos também sejam aplicados a fim de extinguir comportamentos que não estejam de acordo com a real função social da escola. Isso para que seja possível formar pessoas conscientes e éticas, que se respeitem de modo mútuo, independentemente de cor, crença, gênero ou orientação sexual.

O BRINQUEDO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Brincar é a atividade predileta de qualquer criança e não importa se essa brincadeira é com brinquedos sofisticados ou não, brincar é sempre motivo de satisfação. As crianças se divertem e recriam brincadeiras com os mais simples objetos, isso porque a fantasia já faz parte do mundo infantil.

Brincar, além de ser um direito garantido por lei para as crianças, pode ser um excelente meio para desenvolver habilidades e capacidades diversificadas. Assim, é possível destacar a importância de muitos brinquedos existentes, que podem ser úteis na vida de pais e crianças, brinquedos como: jogo da memória, quebra-cabeça, alfabeto móvel, livros e outros porque a lista é muito grande. São brinquedos que, na maioria das vezes, não custam valores exorbitantes, o que os tornam acessíveis para grande parte das famílias brasileiras. No entanto, cabe a cada família fazer a escolha certa dos brinquedos, pois existem alguns que, apesar de parecerem inocentes, acabam por serem, inclusive, capazes de incitar a violência física.

Ultimamente, algo que tenho prestado atenção nas listas de presentes que observo quando somos convidados para algum aniversário infantil é que dificilmente são incluídos nessas listas brinquedos com fins pedagógicos, por que será? Talvez seja questão de escolha pessoal mesmo ou opção da criança, um pedido dela. Pode ser que os pais almejavam presentear a criança com tal objeto, haja vista que lhes pouparia tempo porque entreteria a criança de alguma maneira.

O que tenho vivido diariamente me mostra que, quando temos brinquedos pedagógicos em casa, constantemente temos de dedicar tempo e paciência para brincar com os pequenos, pois a maioria desses brinquedos necessita de mais de uma pessoa participando ativamente da brincadeira seja como um parceiro que interage, seja como alguém que instrui. Assim, requer que os pais disponham de tempo.

Eis que surge o problema, pois, vivendo nessa correria capitalista que as famílias brasileiras estão inseridas atualmente, o trabalho toma grande parte da agenda e o cansaço, as tarefas domésticas e os compromissos consomem o que resta. Justamente por isso esse brincar instrutivo não seja uma atitude tão fácil e acessível para muitos – essa é uma possível explicação já que brincar com os filhos é algo indescritivelmente prazeroso.

Todavia é muito notório como os brinquedos pedagógicos influenciam no desenvolvimento intelectual das crianças, e isso é possível perceber quando contrapomos crianças que tiveram a oportunidade de brincar com tais objetos com frequência e aquelas que não tem ou tiveram esse hábito. As que têm acesso demonstram mais concentração e gosto por essas brincadeiras, além de geralmente não apresentarem muitas dificuldades para se inserirem no mundo letrado durante o processo de alfabetização. Isso é o que me demonstrou minha experiência educacional desde que comecei a exercer a docência.

Nesses termos, como profissional e como mãe sublinho que brincar é uma ação que deve fazer parte da vida de qualquer criança, pois contribui para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor e, por isso, pais e educadores devem instigar o brincar pedagógico, com qualidade de tempo, com envolvimento afetivo. Esse ato certamente irá contribuir com o desenvolvimento dos pequenos, bem como resultará em momentos prazerosos de aprendizagem para os envolvidos.

AS TECNOLOGIAS ELETRÔNICAS ENTRE CRIANCAS E ADOLESCENTES

A internet e os jogos eletrônicos se tornaram na última década itens comuns e indispensáveis na vida de crianças e adolescentes – e da sociedade em geral. Sejam eles pertencentes às classes mais altas, tenham eles condições financeiras ou não, sempre dão um jeitinho, seja na escola, na casa de amigos, ou lojas que oferecem o serviço acabam utilizando esses instrumentos como meios para entretenimento e até para atividades escolares.

Esse acesso aos recursos tecnológicos é importante para a "inclusão" social. O problema é que temos acompanhado na mídia que já existem muitos casos nos quais o uso excessivo dessas ferramentas tem provocado danos psicológicos e sociais aos seus usuários, sobretudo ao público infantil.

Há relatos de sinais de dependência mesmo, e até de isolamento. O fato de ficar mais de quatro horas reservado num mundo virtual deve, sim, ser motivo de preocupação da família, pois o problema pode ser maior do que imaginamos, pode se estender a casos de isolamentos profundos em que se acaba por preferir o relacionamento virtual, dispensando o contato físico direto com as pessoas, inclusive com seus próprios familiares.

Alguns estudos relacionam o uso de jogos eletrônicos com a maior facilidade de aprendizado, maior potencial de desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras e até facilidade da socialização. Ocorre que, se a criança ou o adolescente começar a usar a internet e os jogos eletrônicos desenfreadamente e sem o acompanhamento da família, pode atingir um grau de dependência, que possibilita descontrole, podendo prejudicar seu desenvolvimento escolar e social. Um efeito totalmente contrário aquele previsto pelos estudos.

Assim, é possível concordar com o professor Francisco de Assis Nóbrega de Brito, quem escreveu com muita sabedoria em um seu artigo de 2012, quando ele explica que "as crianças aprendem em todo um

contexto extraescolar, inclusive no computador, todos os setores e meios depositam sua parcela de estímulos positivos e negativos, que devem ser fiscalizados, orientados e reforçados por meio dos valores bons e positivos". Assim, como se vê, o problema não está no meio ou no instrumento, tampouco na tecnologia. O problema é a falta de instrução. De orientação.

É importante acompanhar os passos de nossas crianças, o que leva à permissão para uma análise cuidadosa de todos os tipos de tecnologias com as quais eles estejam envolvidos. É preciso cuidar. Vigiar. Orientar.

É preciso que os ajudemos a entender o quanto é boa e satisfatória a relação com o próximo, as conversas, as risadas, a interação face a face, sem a presença fria dos aparelhos eletrônicos, tais como celulares e computadores. Essa instrumentalização realizada com afeto e coerência terá a finalidade de orientá-los para que na fase adulta não caiam no isolamento nem no distanciamento, oriundos da falta de interação pessoal real e afetuosa.

AUTONOMIA DA CRIANÇA

Autonomia é um termo de origem grega cujo significado está relacionado com independência, liberdade ou autossuficiência. Em Educação, a autonomia do estudante revela capacidade de organizar sozinho os seus estudos – sendo independente do professor –, capaz de administrar eficazmente o seu tempo de dedicação no aprendizado e escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis.

Ao matricularmos nossos filhos na escola, pretendemos que eles se desenvolvam nos mais diversos aspectos, sejam eles cognitivos, afetivos ou sociais. Porém, um plano está em destaque, pois, no espaço escolar, pontualmente, de modo geral, o progresso mais almejado pela maioria dos pais é o cognitivo, afinal a escola tem geralmente bem explícita essa formação intelectual como missão.

No entanto, não podemos esquecer que, quando se trata do processo educativo, todos esses aspectos estão interligados, portanto um pode interferir no avanço do outro. Ao nos referirmos à escola de educação infantil, de modo mais específico, verificamos que cognição, afetividade e socialização têm função importante. Isso porque são aspectos relevantes para a vida: a socialização da criança desperta o relacionar-se, o associar-se, a construção de vínculos; a contribuição do professor com temas transversais para a formação da identidade dos indivíduos é a afeição de educar para a construção de cidadãos engajados com o mundo que os cerca; despertar a cognição a partir de distintas atividades abre os sentidos para a existência de diferentes saberes. Todos esses são conhecimentos imprescindíveis para o desenvolvimento pleno da autonomia dos educandos.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI, 1998), a autonomia pode ser definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, perspectivas pessoais, bem como outros pontos de vista. Essa autonomia na educação infantil vai desde os hábitos mais simples como, lavar as mãos, ir ao banheiro, escovar os dentes, alimentar-se sozinho, brincar em grupo e realizar atividades escritas sem

o auxílio dos professores. Ações que teoricamente são todas aprendidas com a família, quando do ingresso na escola, passam a ser novamente ensinadas – inclusive com sentidos mais pedagógicos e direcionados.

Entretanto, o anseio pela aquisição do processo de alfabetização e de leitura, acaba por menosprezar outras competências igualmente importantes – essa valoração em menor grau ocorre tanto pelo corpo docente quanto pelas próprias famílias. Assim sendo, destaca-se que um dos papéis da escola é esclarecer para aos "ansiosos" a relevância de se trabalhar todos os aspectos de desenvolvimento de uma criança que está ingressando no espaço escolar. Isso porque conceber uma educação em direção à autonomia vai mais além do que o ato de ler e escrever. Significa considerar as crianças como seres com vontade própria, capazes e competentes para aprender cotidianamente dentro de suas possibilidades.

PAIS NA ESCOLA E NA VIDA DOS FILHOS

Foi numa reunião de pais em que estávamos todos discutindo e avaliando o ano letivo da escola em que nossos filhos estudam que de repente fomos surpreendidos com uma página de papel ofício pintada e com perguntas pessoais sobre nossa postura com os filhos. O curioso é que eles mesmos, nossos filhos, nos avaliaram, pintando carinhas tristes ou alegres. Os questionamentos eram básicos de uma rotina de qualquer família, iam desde: seus pais contam histórias para você? Abraçam e dão carinho para você? Eram um total de 10 itens.

Avaliar não é tarefa fácil; mas ser avaliado é um pouco mais temível. Justamente esse pareceu ser o sentimento na face de muitos pais quando receberam aquela singela AVALIAÇÃO, coerentemente organizada pela professora e feita pelos próprios filhos.

Para alguns, surpresas maravilhosas, reconhecimento de que está no caminho certo e o filho está sentindo segurança nas suas atitudes, uma sensação boa, de certa forma até um alívio, porque cuidar e educar um ser humano representam também uma empreitada ainda mais complexa e cautelosa. Outros demonstraram aquele olhar surpreso e até comentaram baixinho, mas "eu dou tudo que ele precisa". Houve quem só dobrou a folha e o silêncio tomou conta da euforia anteriormente apresentada – quando de outras questões da instituição.

A atitude da referida escola do Sistema S merece destaque, merece parabéns por esse alerta que lançou a todos os pais presentes, pois essa autoavaliação necessita ser feita por todos que temos filhos. Deve ser uma reflexão constante, pois, na correria que a sociedade como um todo tem vivido no dia a dia, atitudes simples de **cuidados** necessários com as crianças acabam sendo terceirizadas, resultando, assim, em formação de pessoas menos equilibradas emocionalmente, e até com dificuldades nas relações interpessoais, dentre outros pontos que podem inclusive interferir no desempenho escolar e na qualidade de vida posteriormente.

Os itens destacados na referida avaliação em sua maioria não custavam valores materiais. Eram requisições do tipo: brincar, assistir à televisão, fazer as refeições juntos, ajudar na tarefa escolar. Atitudes tão simples, que se tornam inesquecíveis na vida de qualquer ser humano porque podem contribuir na edificação de pessoas mais fortes e felizes.

INDICAÇÕES CONCLUSIVAS

Sugestões de filmes e livros

CAPITULO 1: RELAÇÕES FAMILIARES E SUCESSO ESCOLAR		
NOME DO FILME		**ENFOQUE**
01	*Extraordinário*	Respeito as diferenças; Sucesso Escolar; *Bullying*.
02	*Um sonho Possível*	Relações familiares; amor ao próximo.
03	*A vida é uma festa*	Valorização da família; Diferenças culturais.
04	*Sempre amigos*	Amizade
05	*Lanternas vermelhas*	Relações familiares; violência de gênero; Poder.
06	*Machuca*	Relações sociais na escola.
07	*Tudo sobre minha mãe*	Relações familiares e questões de gênero.
08	*Terra Fria*	Violência e preconceito de gênero
09	*Acusado*	Preconceitos e desigualdades de gênero
10	*Evil, Raízes do Mal*	Família, violências

CAPÍTULO 1: RELAÇÕES FAMILIARES E SUCESSO ESCOLAR		
NOME DO LIVRO		**AUTORIA**
01	Limites Sem Trauma	Tania Zagury
02	Modernidade líquida	Zygmunt Bauman
03	E quando os filhos não podem ser aquilo que os pais sonharam	Geraldo Peçanha
04	50 coisas que os pais nunca devem dizer aos filhos	Antonio Siqueira
05	E agora? Meu filho não gosta de estudar!	Tatiana Sessa

CAPÍTULO 2: PROCESSOS EDUCATIVOS NA ESCOLA		
NOME DO FILME		**ENFOQUE**
01	*Meu melhor inimigo*	Bullying
02	*Hoje eu quero voltar sozinho*	Inclusão; Homossexualidade
03	*Como Estrelas na terra*	Dislexia
04	*Vista minha pele*	Preconceito racial
05	*Vem dançar*	Inclusão
06	*Minha vida em cor de Rosa*	Questões de gênero, família e escola
07	*Tom Boy*	Questões de gênero, família e escola
08	*Billy Elliot*	Questões de gênero, família e escola
09	*Histórias Cruzadas*	Gênero e racismo
10	*Revolução em Dagenham*	Desigualdade de gênero

CAPÍTULO 2: PROCESSOS EDUCATIVOS NA ESCOLA		
NOME DO LIVRO		**AUTORIA**
01	Em defesa da escola	Jan Masschelein; Maarten Simons
02	Elogio da escola	Jorge Larrosa
03	Para além da Aprendizagem	Gert Biesta
04	A pedagogia, a democracia e a escola	Jan Masschelein; Maarten Simons
05	Afetividade e Inteligência	Cláudio Saltini

CAPÍTULO 3: DOCÊNCIA E PROFISSIONALIDADE		
NOME DO FILME		**ENFOQUE**
01	*Escritores da liberdade*	Preconceitos; violências; professores iniciantes.
02	*Clube do imperador*	Relação professor-aluno
03	*O sorriso da Monalisa*	Docência e questões de gênero
04	*Preciosa*	Esperança-preconceito, HIV-Aids, violências, docência
05	*A caça*	Abuso sexual, pedofilia, preconceito, trabalho docente
06	*Entre os muros da escola*	Conflitos culturais, autoridade e docência
07	*Mente brilhante*	Superdotação, relações interpessoais e docência.
08	*O substituto*	Docência e desigualdade social
09	*Sociedade dos Poetas Mortos*	Docência; motivação.
10	*Matilda*	Docência e afetividade

CAPÍTULO 3: DOCÊNCIA E PROFISSIONALIDADE		
NOME DO LIVRO		**AUTORIA**
01	Rumo a uma nova didática	Vera Maria Candau
02	Formação de professores e carreira	Bernadete Gatti
03	Alienígenas na sala de aula	Tomaz Tadeu da Silva
04	Inclusão e Aprendizagem	Carine Bueira Loureiro e Rejane Klein
05	Foucault e a Educação	Alfredo Veiga Neto

SOBRE A AUTORA

SOBRE A AUTORA



Joelma Fernandes de Oliveira é pedagoga e autora do presente livro. Doutoranda e mestre em Educação, especialista pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, e, em Gestão, Inovação e Reflexão das Práticas Educativas. Professora da Educação básica da rede pública estadual e municipal de Boa Vista-RR desde 2002, da Universidade Estadual de Roraima (UERR) entre 2012 e 2014, atualmente Professora do Instituto Federal de Roraima (IFRR), Campus Amajari. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (UNISINOS/CNPq) e do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Docências, Pedagogias e Diferenças (UNISINOS/CNPq). Email para contato: joelmaufrr@hotmail.com

COLEÇÃO

Comunicação & Políticas Públicas

COLEÇÃO COMUNICAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), está à frente do selo coleção "Comunicação & Políticas Públicas" e recebe propostas de livros a serem publicados em fluxo contínuo em qualquer período do ano.

O texto que for submetido para avaliação deverá ter uma extensão de no mínimo de 40 laudas e no máximo 100 laudas configuradas obrigatoriamente em espaçamento 1,5, letra Times New Roman e tamanho de fonte 12. Todo o texto deve seguir as normas da ABNT.

Os elementos pré-textuais como dedicatória e agradecimento não devem constar no livro. Os elementos pós-textuais como biografia do autor de até 10 linhas e referências bibliográficas são obrigatórios. As imagens e figuras deverão ser apresentadas em arquivos separados, de maneira que ao longo do texto do livro sejam apenas indicados os espaços onde serão inseridas. As imagens deverão ser nomeadas e numeradas conforme os espaços indicados no texto.

A submissão do livro deverá ser realizada por meio do envio online de arquivo documento (.doc) em Word for Windows 6.0 ou versão mais recente. O autor ou autores devem encaminhar para o e-mail nupsbooks@gmail.com três arquivos: a) formulário de identificação do autor e da obra, b) livro com sumário no formato Word for Windows 6.0 ou versão mais recente, e, c) via escaneada de carta de autorização assinada pelo (s) autor (es) atestando que cede(m) seus direitos autorais da obra para a editora da Universidade Federal de Roraima.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Coleção "Comunicação & Políticas Públicas"

Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS)

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Campus Paricarana

Bloco 1. Sala 179. Av. Cap. Ene Garcez, n. 2413.

Bairro Aeroporto. Boa Vista, RR.

 + 55 (95) 981235533 /  nupsbooks@gmail.com

 www.livroeletronico.net